UNE ✦ SACRA

Profecias e Videntes

Trovas do Bandarra

✦ ✦ ✦

Gonçalo Anes Bandarra

Texto original (edição de 1809)

Créditos

Autor	Gonçalo Anes Bandarra
Data	c. 1530–1540 (edição de 1809)
Idioma original	Português
Versão	Texto original (edição de 1809)
Edição	1.1
Fonte	Project Gutenberg 20581 — Trovas do Bandarra, natural da Villa de Trancoso, nova edicção (Barcelona, 1809)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

As Trovas do Bandarra são as profecias em verso de Gonçalo Anes Bandarra (c. 1500–c. 1556), sapateiro de Trancoso, na Beira, compostas por volta de 1530–1540.

Em quadras e quintilhas cheias de imagens do seu ofício (couros, sovelas, solas) e de um sonho pastoril, Bandarra critica os vícios do clero, dos juízes e dos fidalgos e anuncia um rei que viria salvar Portugal, vencer os mouros, unir os povos numa só fé e reinar sobre o mundo — o Encuberto.

Em 1541 foi processado pela Inquisição e obrigado a abjurar num auto-da-fé em Lisboa.

Depois que o rei D. Sebastião desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir (1578), as Trovas viraram o livro do sebastianismo: muitos esperavam a volta do rei "encoberto". Foram impressas pela primeira vez por D.

João de Castro (Paris, 1603), reeditadas em Nantes em 1644 e lidas na Restauração de 1640 como profecia de D. João IV; o padre António Vieira as comentou, e Fernando Pessoa chamou Bandarra de profeta em Mensagem.

Este é o texto da "nova edição" de Barcelona (1809), que segue a de Nantes e acrescenta as trovas "nunca impressas": o Segundo corpo, que viria de uma cópia do cardeal Nuno da Cunha, e o Terceiro corpo, que teria sido achado em 1729 numa parede da igreja de São Pedro de Trancoso.

Os estudiosos consideram esses dois corpos acréscimos posteriores, dos séculos XVII e XVIII. A ortografia é a da edição. As trovas são numeradas como nela; as da Dedicatória não têm número na edição.

Ficaram de fora os prólogos e as notas do editor de 1809; as falas curtas sem número aparecem junto da trova anterior. O texto é apresentado como documento histórico.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/20581

Consulte a fonte indicada acima para os termos de uso desta versão. O desenho deste arquivo é da Une Sacra (CC BY-NC-SA 4.0); o texto segue a licença indicada acima.

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Dedicatoria do Author a Dom João de Portugal, Bispo da Guarda

Sente Bandarra as maldades do mundo, e particularmente as de Portugal

Sonho primeiro, que finge a modo pastoril

Figuras do sonho

Prognostica o Author os males de Portugal, canta suas glorias com a acclamação do Rei Encuberto

Introduz o Author poeticamente dous Judeos, que vem buscar o Pastor Mor, um chamado Fraim, e outro Dão, e achão Fernando ovelheiro á porta

Sonho segundo

Sonho terceiro

Resposta do Bandarra a algumas perguntas, que lhe fizerão, e da resposta dellas se conhecem quaes forão

Segundo corpo de Trovas do Bandarra

Terceiro corpo: Introducção

Terceiro corpo: Sonho primeiro

Terceiro corpo: Sonho segundo

Terceiro corpo: Sonho terceiro

Terceiro corpo: Sonho quarto

Terceiro corpo: Sonho quinto

Terceiro corpo: Sonho sexto

DEDICATORIA DO AUTHOR A DOM JOÃO DE PORTUGAL, BISPO DA GUARDA

✦

I Illustrissimo Senhor,
De Virtudes mui perfeito,
Vós deveis de ser eleito
De todas as Leis dador.

II Deos vos deu tanto primor,
Que não se acha em vossa marca
Mais subido Patriarcha,
De nobre Gente Pastor.

III Determinei de escrever
A minha çapataria:
Por ver Vossa Senhoria
O que sahe de meu cozer.

IV Que me quero entremeter
Nesta obra, que offereço
Porque saibão o que conheço,
E quanto mais posso fazer.

V Sahirá de meu cozer
Tanta obra de lavores,
Que folguem muitos Senhores
De a calçar, e trazer.

VI E quero entremeter
Laços em obra grosseira,
Quem tiver boa maneira
Folgará muito de aver.

VII Cozo com linho assedado,
Encerado a cada ponto;
Cozo meudo sem conto,
Que assim o quer o calçado.

VIII Se vier algum avizado
Requerer algumas solas,
Eu as corto sem bitolas,
E logo vai sobresolado.

IX Tambem sou official:
Ás vezes cozo com vira,
E sei bem como se tira
O ganho do cabedal.

X Se vier algum zombar
Fazer me qualquer pergunta,
Dir lhe hei, como se ajunta
A agulha com o dedal.

XI Minha obra he mui segura
Porque a mais he de correia,
Se a alguem parecer feia,
Naõ entende de costura.

XII Eu faço obra de dura,
E não ando pela rama,
Conheço bem a courama,
Que conve[m] á creatura.

XIII Sei medir, e sei talhar,
Semque vos assim pareça:
Tudo tenho na cabeça,
Se o eu quizer usar.

XIV E quem o quizer grozar,
Olhe bem a minha obra,
Achará, que inda me sobra
Dous cabos pera ajuntar.

XV Sempre ando occupado
Por fazer minha obra boa,
Se eu vivera em Lisboa,
Eu fôra mais estimado.

XVI Contente sou, e pagado
De lançar um so remendo,
Indaque estem remoendo,
Não me toquem no calçado.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SENTE BANDARRA AS MALDADES DO MUNDO, E PARTICULARMENTE AS DE PORTUGAL

✦

I Como nas Alcaçarias
Andão os couros ás voltas,
Assim vejo grandes revoltas
Agora nas Clerezias.

II Porque usão de Simonias
E adorão os dinheiros,
As Igrejas, pardieiros,
Os corporaes por mais vias.

III O sumagre com a cal
Faz os couros ser mociços,
Ah! quantos ha máos noviços
Nessa Ordem Episcopal.

IV Porque vai de mal a mal
Sem ordem nem regimento,
Quebrantaõ o mandamento,
Cumprem o mais venial.

V Tambem sou Official
Sei um pouco de cortiça
Não vejo fazer justiça
A todo o Mundo em geral.

VI Que agora a cadaqual
Sem letras fazem Doutores,
Vejo muitos julgadores,
Que não sabem bem, nem mal.

VII Borzeguins pera calçar
Haõ de ser de cordovães,
Notarios, Tabaliães
Tem o tento em apanhar.

VIII Vêlos heis a porfiar
Sobre um pobre seitil,
E rapar vos por um mil
Se volos podem rapar.

IX Tambem sei algo brunir
Quaesquer laços de lavores:
Bachareis, Procuradores
Ahi vai o perseguir.

X E quando lhe vão pedir
Conselho os demandões,
Como lhe faltão tostões,
Não os querem mais ouvir.

XI Há de ser bem assentada
A obra dos chapins largos,
A linhagem dos Fidalgos
Por dinheiro he trocada.

XII Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande;
Como quereis, que a cura ande,
Se a ferida está danada?

XIII Tenho uma gentil sovela,
Com que cozo mui direito:
Se a mulher não desse geito,
Não olharião pera ella.

XIV Em que seja uma donzella
Nobre, casta e oradora
Ella he a causadora,
Do que acontecer por ella.

XV Sei tambem mui bem cozer
Uns borzeguins Cordovezes;
Todos os trajos Francezes
Quemquer os quer ja trazer.

XVI Os que não tem que comer
Fazem trajos mui prezados,
Ficão pobres, Lazarados
Por outros enriquecer.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SONHO PRIMEIRO, QUE FINGE A MODO PASTORIL

✦

XVII Vejo, vejo; direi, vejo,
Agora que estou sonhando,
Semente d'el Rei Fernando
Frazer um grande despejo.

XVIII E seguir com grão desejo,
E deixar a sua vinha,
E dizer esta casa he minha
Agora que cá me vejo.

XIX A cerca dos Grecianos
Corrê la hão os Latinos,
Serão contrarios os signos
A todos os Arrianos.

XX Tambem os Venezianos
Com as riquezas que tem,
Virá o Rei de Salem
Julgá los ha por mundanos.

XXI Ja os lobos são ajuntados
Dalcatea na montanha,
Os gados tem degolados,
E muitos alobegados,
Fazendo grande façanha.

XXII O Pastor mor se assanha:
Ja ajunta seus ovelheiros,
E esperta sua companha
Com muita força, e manha
Correrá os pegureiros.

XXIII Depois ja de apercebidos,
E as montanhas salteadas
Por homens muito sabidos,
E pastores mui escolhidos,
Que sabem bem as pizadas.

XXIV Armar lhe hão nas passadas
Trampas, cepos de azeiros,
Atalaias nas estradas,
E béstas nas ameijoadas
Com tiros muito ligeiros.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

FIGURAS DO SONHO

✦

XXV Virá o Grande Pastor,
Que se erguerá primeiro,
E Fernando tangedor,
E Pedro bom bailador,
E João bom ovelheiro.

XXVI E depois um Estrangeiro,
E Rodoão que esquecia,
E e o nobre pastor Garcia,
E Andre mui verdadeiro:
Entraraõ com alegria.

XXVII Pastor Mor:
Aquella vacca, que berra,
Porque está assim berrando?

XXVIII Andre:
He porque desce da serra,
Não conhece bem a terra,
E por isso está bramando.

XXIX Esta he a vacca, Fernando,
Mai do grão touro fuscado,
Que não se acha neste bando,
Tem razão de estar berrando,
Que não sabe onde he lançado.

XXX Pastor Mor:

Ajunte se o vaccum
Aqui neste verde prado,
E tambem o ovelhum,
E conte o seu cadaum,
Ver se ha a quem falta gado.

XXXI Pedro:

Todo ja tendes contado,
Do vaccum achamos menos;
Um touro esmadrigado,
E um fusco, que era rozado;
Do ovelhum nada sabemos.

XXXII Pastor Mor:

Oh! que dor do coração!
Oh! que dor! Oh! que pezar!
Oh! que grão tribulação!
Arredemos a paixão,
Pois se não pode cobrar.

XXXIII Seus filhos devemos criar,
Os quaes mui bem guardaremos,
Ficaraõ em seu lugar,
Tudo lhe havemos de dar
Pelo bem, que lhe queremos.

XXXIV Por honra de tal memoria
Não haja aqui mais tristura,
Antes cantemos com gloria,
Que fique sempre em memoria
Approvando a Escriptura.

XXXV Pois se cumpre a figura,
E nós outros bem o vemos:
Pois que ja tudo se apura,
Ao Senhor da altura
Com prazer mil graças demos.

XXXVI Tanja se a frauta maior,
Ajunta se todo o rebanho,
E eu como vosso Pastor,
Com mui grão sobra de amor
Vamos a partir o ganho.

XXXVII Tudo nos he sufraganho
Montes, valles, e pastores,
E repunhão os bailadores,
Que não entre aqui estranho.

XXXVIII Fernando tanja a guitarra,
Tu, João, o arrabil,
Pouza teu surrão, e vara,
Alegra bem tua cara
Em tal bailo pastoril.

XXXIX E Pedro, que he mais subtil
Entre, e baile com Florença,
Jaque he dama gentil,
He mui bem que lhe pertenca.

XL Andre baile com Paschoala,
E venha apos a primeira,
Antes de meter mais falla
Entre, e baile esta Zagala,
Em que sempre he referteira.

XLI Sempre foi mui agoureira
Com os estranhos dançar
E pois está tão cantadeira,
Não seja ella a derradeira,
Venha logo a bailar.

XLII Ha de ser mui de louvar
Este auto, que aqui temos,
E a todo o que bailar
Hão lhe mui bem de pagar,
E assim lho promettemos.

XLIII Sus! antes de mais estremos
Baile Fernando, e Constança,
E poisque tudo ja vemos,
Pelo bem que lhe queremos
Seja elle o mestre de dança.

XLIV João, o bom Ovelheiro,
Sempre foi nobre Pastor,
Não se conte derradeiro,
Pois he igual ao primeiro,
Este baile com Leonor.

XLV Sempre foi bom guardador
Do gado, que lhe entregarão,
Mui grande accomettedor,
E mui grande corredor
Dos lobos, que o acoçarão.

XLVI Por não ficar em olvido
O nobre Pastor Garcia,
Que sempre foi atrevido,
E de nós muito querido,
Este baile com Mecia.

XLVII Pois he de alta valia,
Dêmos lhe outro montado,
O monte que reluzia,
Aonde faça a bailia,
E paste bem o seu gado.

XLVIII Rodoão:
Tudos ja tendes partido,
Todos os montados dais,

Eu que fui de vós querido,
E dos lobos mui ferido,
De mim ja vos não lembrais?

XLIX Pastor Mor:
Ainda fica mais, e mais,
Vossos gados pastarão,
Ficão terras de chão taes
Os valles, e piornaes,
Tudo vos dou, Rodoão.

L Tambem ficão umas ladeiras
De hervas mui saboridas,
Donde sahem umas ribeiras,
Que regão muitas lameiras
Com aguas esclarecidas.

LI A quellas serras erguidas,
Onde está a nobre montanha,
Pois por nós forão havidas,
E ategora perdidas,
Fiquem a toda a companha.

LII A quelle valle de alem
He o valle de primor,
He o valle de Salem,
Onde acho que muitos tem
Grande virtude, e valor.

LIII Garcia:

Ja matarão o grão Pastor,
Por inveja o matarão:
Porque era bom guardador,
Das ovelhas bom creador;
Por cobiça o acabarão.

LIV Fernando:

Os bailos são acabados,
Senhor, vamos a jantar,
Que dos trabalhos passados
Muitos ha aqui desmaiados,
Que convem de repouzar.

LV Se algo lhe quereis dar,
Sobre meza lho daremos,
Onde bem pode mandar,
E o seu gado bem pastar,
Que assim por bem o temos.
Cahe no bailo de João.

LVI Pedro:

Tambem la naquella altura
Está um lobo huivando,
E no meio da espessura
Um bufo está bufando,
E um mocho está cantando,
E Andre está sentindo
Não bailar como Fernando.

LVII João:
Tambem Pedro, por quem procuro,
He um barão singular,
Que no claro, e no escuro
Sempre bailou mui seguro,
E hade ficar sem lhe dar?

LVIII Pastor Mor:
Pois va o elle cercar,
E far lhe hão grandes damnos;
I-lo hemos ajudar,
Até poder sugeitar
Os cavallos Mariannos.

LIX Ao redor da grão cabana
Na quelles montes erguidos,
No valle que se diz Canna,
Ouvimos esta semana,
Lobos que andão fugidos,
Dando grandes alaridos,
Fazendo grande agonia,
Muitos mortos, e feridos,
E outros andão perdidos.
Cahem no bailo de Garcia.

LX Pastor Mor:
Quem mete ao estrangeiro
Cá no meu nobre assento,

Pois o defendi primeiro,
Poisque do meu vencimento
Lhe peza mui por inteiro?

LXI Estrangeiro:
Em que vos hei offendido,
E de mim sois anojado?

LXII Pastor Mor:
He porque te hei requerido,
Mil vezes commettido,
E tu sempre desmandado:
E porque estás abraçado
Com os meus competidores,
E com elles alliado,
Naõ mereces ter montado
Com estes nobres Pastores.

LXIII Tu me has sido revel
Contra os meus ovelheiros,
Abraçado com Babel
Mui descrido, e cruel,
Contra os meus pegureiros.
Minhas ovelhas, carneiros
Naõ lhe tinhas lealdade,
Degolavas meus cordeiros,
Derrubavas meus chiqueiros,
Negavas me a verdade.

LXIV Andre:

I vos, Pastor, mui embora,
Grande merce nos fareis.
Que vos vades logo essa hora,
E depois que fordes fóra,
Alguma razão tereis.

LXV João:

Poraqui vos sahireis,
Mentes o Pastor dá volta,
Que depois não podereis,
E quiçais nos metereis
Nalguma grande revolta.

LXVI Fernando:

Não te queiras mais deter,
Busca jogos, e harmonias,
Poronde tomes alegrias,
Antesque hajão de volver.
Oh! Senhor, tomai prazer,
Que o grão Porco selvagem
Se vem ja de seu querer,
Meter em vosso poder
Com seus portos, se passagem.

LXVII Em os campos de Tropé
Vossa frauta tangereis,
E nos campos de Godofré,
E nas terras de Thome

Todos nellas bailareis,
Com os filhos de Ullisse,
Que gostão nosso tanger.
Nenhum porco roncará,
Nenhum lobo huivará
Senão por vosso querer.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PROGNOSTICA O AUTHOR OS MALES DE PORTUGAL, CANTA SUAS GLORIAS COM A ACCLAMAÇÃO DO REI ENCUBERTO

✦

LXVIII Forte nome he Portugal,
Um nome tão excellente,
He Rei do cabo poente,
Sobre todos principal.
Não se acha vosso igual
Rei de tal merecimento:
Naõ se acha, segun sento,
Do Poente ao Oriental.

LXIX Portugal he nome inteiro,
Nome de macho, se queres:
Os outros Reinos mulheres,
Como ferro sem azeiro;
E senão olha primeiro,
Portugal tem a fronteira,
Todos mudão a carreira
Com medo do seu rafeiro.

LXX Portugal tem a bandeira
Com cinco Quinas no meio,
E segundo vejo, e creio,

Este he a cabecêira,
E porá sua cimeira,
Que em Calvario lhe foi dada,
E será Rei de manada
Que vem de longa carreira.

LXXI Este Rei tem tal nobreza,
Qual eu nunca vi em Rei:
Este guarda bem a lei
Da justica, e da grandeza.
Senhorea Sua Alteza
Todos os portos, e viagens,
Porque he Rei das passagens
Do Mar, e sua riqueza.

LXXII Este Rei tao excellente,
De quem tomei minha teima,
Naõ he de casta Goleima,
Mas de Reis primo, e parente.
Vem de mui alta semente
De todos quatro costados,
Todos Reis de primos grados
De Levante ate ao Poente

LXXIII Serão os Reis concorrentes,
Quatro serão, e naõ mais;
Todos quatro principaes
Do Levante ao Poente.
Os outros Reis mui contentes

De o verem Imperador,
E havido por Senhor
Naõ por dadivas, nem presentes.

LXXIV Commendadores, Prelados,
Que as Igrejas comeis,
Traçareis, e volvereis
Por honra dos Tres Estados,
E os mais serão taxados;
Todos contribuirão
E haverá grão confusão
Em toda a sorte de estados.

LXXV Ja o Leaõ he experto
Mui alerto.
Ja acordou, anda caminho.
Tirará cedo do ninho
O porco, e he mui certo.
Fugirá para o deserto,
Do Leaõ, e seu bramido,
Demostra que vai ferido
Desse bom Rei Encuberto.

LXXVI Uma porta se abrirá
N'um dos Reinos Africanos,
Contraria aos Arrianos,
Que nunca se cerrará.
A vacca receberá

A nova gente que vem,
Com prázer de tanto bem
Seu leite derramará.

LXXVII A lua dará grão baixa,
Segundo o que se vê nella,
E os que tem Lei com ella:
Porque se acaba a taixa.
Abrir se ha aquella caixa,
Que ategora foi cerrada,
Entregar se ha á forçada
Envolta na sua faixa.

LXXVIII Um grão Leão se ergerá,
E dará grandes bramidos;
Seus brados serão ouvidos,
E a todos assombrara;
Correrá, e morderá
E fará mui grandez damnos,
E nos Reinos Africanos
A todos sugeitará.

LXXIX Passará, e dará boccado
Na terra da Promissão,
Prenderá o velho Cão,
Que anda mui desmandado.

LXXX De perdões, e orações
Irá fortemente armado,
Dará nelles S. Thiago,
Na volta que faz depois.

LXXXI Entrara com dous pendões
Entre os porcos sedeudos,
Com fortes braços, e escudos
De seus nobres Infanções.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

INTRODUZ O AUTHOR POETICAMENTE DOUS JUDEOS, QUE VEM BUSCAR O PASTOR MOR, UM CHAMADO FRAIM, E OUTRO DÃO, E ACHÃO FERNANDO OVELHEIRO Á PORTA

✦

LXXXII Fraim:
Dizei, Senhor, poderemos
Com o grão Pastor fallar?
E daqui lhe prometemos
Ricas joias que trazemos
Se no las quizer tomar.
Fernando:
Judeos que lhe haveis de dar?

LXXXIII Judeos:
Dar lhe hamos grande thesouro
Muita prata, muito ouro,
Que trazemos de além mar.
Far nos heis grande merce
De nos dardes vista delle.

LXXXIV Fernando:
Entrai, Judeos, se quereis,
Bem podeis fallar com elle,

Que la dentro o achareis.

LXXXV Tomará com seu poder,
E grão saber,
Todos os portos de alem,
Marrocos, e Tremecem,
E Féz tambem:
Fara tudo a seu querer,
Vi lo hão a cometter
Pelo deter,
Que querem ser tributarios,
E lhe querem dar dinheiros,
Lisongeiros,
Os quaes naõ deve querer.

LXXXVI E depois da Embaixada
Declarada,
Antesque cerrem quarenta,
Erger se ha a grão tormenta,
Do que intenta,
E logo será amansada,
E tomarão a estrada
De calada,
Naõ terão quem os affoite,
Dar lhe hão aquella noite
Tal açoite,
Que a Fe seja exalçada.

LXXXVII Ja o tempo desejado
He chegado,
Segundo o firmal assenta:
Ja se cerrão os quarenta,
Que se emmenta,
Por um Doutor ja passado.
O Rei novo he alevantado,
Ja dá brado;
Ja assoma a sua bandeira
Contra a Grifa parideira,
La gomeira,
Que taes prados tem gostado.

LXXXVIII Saia, saia esse Infante
Bem andante,
O seu nome he D. João,
Tire, e leve o pendão,
E o guião
Poderoso, e tryunfante.
Vir lhe hão novas n'um instante
Daquellas terras prezadas,
As quaes estão declaradas,
E affirmadas
Pelo Rei dali em diante.

LXXXIX Naõ acho ser deteudo
O agudo,
Sendo elle o instrumento,

Naõ acho, segundo sento
O Excellento
Ser falso no seu Escudo.
Mas acho, que o Lanudo
Mui sezudo,
Que arrepellará o gato,
E far lhe ha murar o rato,
De seu fato
Leixando o todo desnudo.

XC Naõ tema o Turco, naõ
Nesta sezão,
Nem o seu grande Mourismo,
Que naõ recebeu bautismo,
Nem o chrismo,
He gado de confusão.
Firmal põe declaração
Nesta tenção,
Chama lhe animaes sedentos
Que naõ tem os mandamentos,
Nem Sacramentos;
Bestiaes são, sem razão.

XCI Em que venhão mais, e mais
Dos bestiaes,
Pelo que mostra a figura,
Haverão a sepultura
Da amargura,

Como brutos animaes.
Que se o texto bem olhais,
E declarais
Com fundas serão feridos,
Todos mortos, confundidos
Nos abysmos infernaes.

XCII As chagas do Redemptor,
E Salvador
São as armas de nosso Rei:
Porque guarda bem a Lei,
E assim a grei
Do mui alto Creador.
Nenhum Rei, e Imperador,
Nem grão Senhor
Nunca teve tal signal,
Como este por leal,
E das gentes guardador.

XCIII As armas, e o pendão,
E o guião
Forão dadas por victoria
Da quelle alto Rei da Gloria
Por memoria
A um Santo Rei barão.
Succedeu a El Rei João,
Em possessão
O Calvario por bandeira,

Leva lo ha por cimeira,
Alimpará a carreira
De toda a terra do Cão.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SONHO SEGUNDO

✦

XCIV Oh! quem tivera poder
Pera dizer,
Os sonhos que o homem sonha!
Mas hei medo, que me ponha
Grão vergonha
De mos naõ quererem crer.
Vi um grão Leão correr
Sem se deter
Levar sua viagem,
Tomar o porco selvagem
Na passagem,
Sem nada lho defender.

XCV Tirará toda a escorta
Será paz em todo o Mundo,
De quatro Reis o segundo
Haverá toda a victoria.

XCVI Será delle tal memoria
Por ser guardador da Lei,
Polas Armas deste Rei
Lhe darão tryunfo, e gloria.

XCVII Trinta e dous annos e meis
Haverá signaes na terra;
A Escriptura naõ erra;
Que aqui faz o conto cheio.

XCVIII Um dos tres que vão arreio
Demostra ser grão perigo;
Haverá açoite, e castigo
Em gente que naõ nomeio.

XCIX Ja o tempo desejado
He chegado
Segundo o firmal assenta
Ja se passão os quarenta
Que se emmenta
Por um Doutor ja passado.
O Rei novo he acordado
Ja dá brado:
Ja arressoa o seu pregão
Ja Levi lhe dá a maõ
Contra Sichem desmandado.
E segundo tenho ouvido,
E bem sabido,
Agora se cumprirá:
A deshonra de Dina
Se vingará
Como está promettido.

C O Rei novo he escolhido,
E elegido,
Ja alevanta a bandeira
Contra a Grifa parideira
Que taes pastos tem comido;
Porque haveis de notar,
E assentar,
Aprazendo ao Rei dos Ceos
Trará por ambas as Leis,
E nestes seis
Vereis couzas de espantar.

CI O nescio quer affirmar,
E declarar
Desde seis ate setenta
Que se emmenta,
Do Rei que irá livrar.
Louvemos este Barão
Do coração,
Porque he Rei de Direito;
Deos o fez todo perfeito
Dotado de perfeição.

CII Este Rei tem um Irmão,
Bom Capitão.
Não se sabe a irmandade?

Todo he nobre, em bondade;
E na verdade
Que sahirá com o pendão.

CIII Muitos estão desejando,
E altercando,
Se o meu dito será certo,
Se de longe, se de perto?
E sobre o tal praticando.
A quelle grão Patriarcha
No lo mostra, e está fallando,
E declara o grão Monarcha:
Ser das terras, e comarca,
Semente del Rei Fernando.

CIV Este Rei de grão primor,
Com furor,
Passará o mar salgado
Em um cavallo enfreado,
E não sellado,
Com gente de grão valor.

CV Este diz, soccorrerá,
E tirará,
Aos que estão em tristura.
Deste, conta a Escriptura,
Que o campo despejará,
Os Fidalgos estimados,
E desprezados,

Que ategora são corridos,
Com o tal serão erguidos,
E mui queridos,
E com os Reis estimados.

CVI Se lerdes as Profecias
De Jeremias,
Irão dos cabos da terra
Tomar os Valles, e Serra,
Pondo guerra,
E tirar as heregias,
Derrubar as Monarchias,
E fantezias
Serão bem apontoadas,
Serão todas derrubadas,
Desconsoladas
Fóra da possentadorias.

CVII Ainda mas profetizando,
E declarando:
Seus pequenos das manadas,
Derrubar lhe hão as moradas
Bem entradas,
E assim o vai mostrando.
Ja o Leão vai bradando,
E desejando

Correr o porco selvagem,
E toma lo há na passagem
Assim o vai declarando.

CVIII Muitos podem responder,
E dizer:
Com que próva o çapateiro
Fazer isto verdadeiro,
Ou como isto pode ser?
Logo quero responder
Sem me deter.
Se lerdes as Profecias
De Daniel e Jeremias
Por Esdras o podeis ver.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SONHO TERCEIRO

✦

CIX Oh! quem pudéra dizer,
Os sonhos que o homem sonha!
Mas eu hei grão vergonha
De mos não quererem crer.

CX Sonhava com grão prazer,
Que os mortos resuscitavão,
E todos se alevantavão,
E tornavão a renascer.

CXI E que via aos que estão
Tras os rios escondidos;
Sonhava, que erão sahidos
Fóra daquella prizaõ.

CXII Vi ao Tribu de Daõ
Com os dentes arreganhados,
E muitos despedaçados
Da Serpente, e do Dragaõ.

CXIII E tambem vi a Rubem
Com graõ voz de muita gente,
O qual vinha mui contente
Cantando, Jerusalem.

CXIV Oh! quem vira ja Belem
E esse monte de Siaõ
E visse o Rio Jordão
Pera se lavar mui bem!

CXV Vi tambem a Simeão
Que cercaua, todas as partes
Com bandeiras, e estandartes
Nephtalim, e Zabulaõ.

CXVI Gad vinha por Capitão
Desta gente que vos fallo,
Todos vinhão a cavallo
Sem haver um só piaõ.

CXVII Eu por mais me affirmar,
E ver se estava acordado
Vi um velho mui honrado,
Que me vinha a perguntar.

CXVIII Dize me, tu es de Agar,
Ou como fallas Chananêo?
Ou es porventura Hebrêo
Dos que nos vimos buscar?

CXIX Tudo o que me purguntais
(Respondi assim dormente)
Senhor, naõ sou dessa gente,
Nem conheço esses taes.

CXX Mas segundo os signaes
Vós sois do povo cerrado,
Que dizem estar ajuntado
Nessas partes Orientaes.

CXXI Muitos estaõ desejando
Serem os povos juntados:
Outros muitos avizados
O estaõ arreceando.

CXXII Arreceão vir no bando
Esse Gigante Golias
Mas por ver Henoch, e Elias
Doutra parte estaõ folgando.

CXXIII Dizeime, nobre Barão,
Pergunto, se sois contente
Dizer me vossa semente
Se he da casa de Abrahão?

CXXIV Que eu sam dessa geração
Sahi do Tribo de Levi,
Sacerdote como Heli,
O meu nome he Araõ.

CXXV Eu quizera lhe responder,
E tocar lhe em a Lei,
Senão nisto acordei,
E tomei grande prazer.

CXXVI E depois de acordado
Fui a ver as Escripturas,
E achei muitas pinturas
E o sonho affigurado.

CXXVII Em Esdras o vi pintado,
E tambem vi Isaias,
Que nos mostra nestes dias
Sahir o povo cerrado.

CXXVIII O qual logo fui buscar
A Got, Magot, e Ezechiel,
As Domas de Daniel
Comecei de as olhar;
E achei no seu cantar
Segundo o que representa;
E assim Gad, como Agar,
Que tudo se ha de acabar
Dizendo: Cerra os setenta.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RESPOSTA DO BANDARRA A ALGUMAS PERGUNTAS, QUE LHE FIZERÃO, E DA RESPOSTA DELLAS SE CONHECEM QUAES FORÃO

✦

CXXIX Os tempos que ja se vem
Porque, Senhor, perguntais,
Mui grande segredo tem,
Que muitos dizem Amen,
Mais se calão mais e mais.

CXXX O mais está por cumprir,
O que a minha conta somma:
Porque de partir a vir
O texto se hade cumprir
Primeiro, Senhor, em Roma.

CXXXI E nestes tresentos dias,
Senhor, que agora contamos
Se contém as Profecias
De Daniel, e Jeremias,
Nas quaes agora entramos.

CXXXII E depois de ellas entrarem
Tudo será ja sabido,
Aquelles que aos seis chegarem,

Terão quanto desejarem,
E um só Deos será conhecido.

CXXXIII Com vosco fallo estas couzas,
Como com um grande letrado,
As umas são perigosas,
E as outras duvidosas
Ainda naõ hão começado.

CXXXIV Antes destas couzas serem
Desta era que dizemos,
Mui grandes couzas veremos,
Quaes naõ virão os que viverão,
Nem vimos, nem ouviremos.

CXXXV Sahira o prisioneiro
Da nova gente que vem,
Dessa Tribu ds Rubem,
Filho do Jacob primeiro
Com tudo o mais quo tem.

CXXXVI O mocho está assobiando,
Dizendo e chamando bois,
E com medo de depois,
Tudo se está arreceando.

CXXXVII Os dous bois estão berrando,
Pelo tirar da barroca,
Que naõ entre na sua toca
O Bufo, que esta bufando.

CXXXVIII Acho em as Profecias
Que a terra tremerá
E como abobada soará
Quando faz harmonias.

CXXXIX Dizem, que nos ultimos dias,
Que aquestas couzas serão
A vinte e quatro acharão
Este dito de Isaias.

CXL Vejo os lobos comer
As ovelhas degoladas,
As vaccas mortas montadas
E os cordeiros gemer.

CXLI Naõ deve a terra tremer
Mas fundir se sem tardança,
Pois os que tem a governança
Os naõ querem defender.

CXLII Vejo o mundo em perigo,
Vejo gentes contra gentes;
Ja a terra naõ dá sementes,
Senaõ favacas por trigo.

CXLIII Ja naõ nenhum amigo,
Nenhum tem o ventre são,
Somos ja vento soão,
Que naõ tem nenhum abrigo.

CXLIV Vejo quarenta e um anno
Pelo correr do cometa,
Pelo ferir do planeta
Que domostraser grão damno.

CXLV Vejo um grande Rei humano
Alevantar sua bandeira,
Vejo como por peneira
A Grifa morrer no cano.

CXLVI Vejo o lobo faminto
Concertado c'os rafeiros:
Os pastores, e ovelheiros
Saõ de um consentimento.

CXLVII Acho cá no instrumento,
Que virá um contador
Tomar conta ao pastor
E pagará um por cento.

CXLVIII Revolvi o meu canhenho
Sobre este forte barão,
Naõ lhe acho nenhum senão;
Dizer delle muito tenho.

CXLIX Vejo um alto engenho
Em uma roda tryunfante,
Vejo subir um Infante
No alto de todo o lenho.

CL Vejo erguer um grão Rei
Todo bem aventurado,
E será tão prosperado,
Que defenderá a grei.

CLI Este guardará a Lei
De todas as heregias,
Derrubará as fantezias,
Dos que guardão, o que não sei.

CLII Vejo sahir um fronteiro
Do Reino detrás da serra,
Desejoso de por guerra
Esforçado cavalleiro.

CLIII Este será o primeiro,
Que porá o seu pendão
Na cabeça do Dragão,
Derruba lo há por inteiro.

CLIV Acho, que depois virá
Ás ovelhas um pastor
Mui manso, e bom guardador,
Que o fato reformará.

CLV Este pastor lhe dará
A comer herva mui sã,
E de suas ovelhas, e lã
Ao mesmo Deos vestirá.

CLVI Todos terão um amor,
Gentios como pagãos,
Os Judeos serão Christãos,
Sem jamais haver error.

CLVII Servirão um so Senhor
Jesu Christo, que nomeio,
Todos crerão, que ja veio
O Ungido Salvador.

CLVIII Tudo quanto aqui se diz,
Olhem bem as Profecias
De Daniel, e Jeremias,
Ponderem nas de raiz.

CLIX Acharão, que nestes dias
Serão grandes novidades,
Novas leis, e variedades,
Mil contendas, e porfias.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEGUNDO CORPO DE TROVAS DO BANDARRA

✦

I Levanteime muito cedo,
Puz me na minha tripeça,
E lá de lonje começa
Um bramido, que poem medo.

II Vão todos como forçados,
Passão serras, e mais montes.
Secão se rios e fontes,
Tudo por nossos pecados.

III Furo co'a minha sovéla
Meto seda meto fio:
Quando far a neve, e frio,
Naõ há quem possa soffrê la.

IV Vejo a terra dezerta,
E parades levantadas:
Vou dando quatro pancadas
Na sola, quando se aperta.

V Vejo a guerra na paz,
E muitos morrer no fosso:
Foje o cavallo, e o mosso
Depois que o soldado jaz.

VI Entre montes muito altos
Há uma casa sagrada:
Ja naõ quero ver mais nada,
E vou batendo os meus saltos.

VII Arranha me o gato? sape:
Olho outra vez da ladeira,
Deita se o cordão á geira,
Não acho poronde escape.

VIII Com o trinchete aparo a sola
Furando com bróca a vira:
Isto he que meu gosto aspira
Pois vejo o jogo da bola.

IX Estão muitos páos armados
Que lá de longe se vem;
A quem naõ parecer bem,
Perca o officio, e meta os gados.

X Com o cerol encero o linho;
Puxo com torquez o couro;
Gasta se todo o thesouro
Pera abrir novo caminho.

XI Quando falho aos meus fregueses
Ficão descalços com magoa:
Naõ saõ os reaes pera a agua
Que se botarão nas rezes.

XII Vejo posta toda a gente
Trabalhando, sem comer:
Vejo os mortos a correr,
E os vivos jazer somente.

XIII Trabalha todo o sandeo,
E tambem o nobre serve;
Na certã a carne ferve
Pera Mouro, e Judeo.

XIV O pobre morrendo á mingua;
Outros tem a arca cheia;
Chove na praça, e na areia,
Como agua de seringa.

XV Vou botando o meu remendo
Em quanto o Senhor se veste,
Uma terra assas agreste.
Estou entre serras vendo.

XVI Nove letras tem o nome
Duas saõ da mesma casta:
Olhe qualquer como o gasta
Pera naõ morrer de fome.

XVII Na era de dous, e tres
Depois e tres conta mais
Haverá couzas fataes,
Vistas em nenhuma vez.

XVIII Haverá tantos trabalhos,
Gritos, surras barregadas,
Porem ja sinto as pizadas
Lá pera a banda dos malhos.

XIX O povo suspira, e brama
Debaixo do seu chapeo;
Naõ se enxerga mais que o Ceo
Quando a neve se derrama.

XX Vejo por entre dous cabos
O couro que vou cozendo;
Ja após outros vou vendo
Muitos mareantes bravos.

XXI Ja na carreira primeira
Entra a bandeira Real,
Ah! Portugal! Portugal!
Ja lá vai tua canceira.

XXII Dará a serpe tal Brado
Do ninho que jaz, e tem
Quando vir que outrem lhe vem
Tirar da vinha o cajado.

XXIII Deixa os filhos mui depressa,
E outrem lhos guarda, e cria;
Vai caminhando sem guia,
Larga a corrôa da cabeça.

XXIV Subo me a o meu eirado,
Já naõ sinto matinada,
Fica a terra socegada
O Encuberto declarado.

XXV Abre se a porta do Templo,
Entra o cordeiro fiel,
Veste da casa o burel,
Dá a todos grande exemplo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRO CORPO: INTRODUCÇÃO

✦

I Em vos que haveis de ser quinto
Depois de morto o segundo,
Minhas Profecias fundo
C'o estas letras, que aqui pinto.

II Inda o tronco está por vir,
Ja vos vejo erguido cedro:
Pouco vai de Pedro a Pedro
Se a rama o tronco medir.

III Fiz Trovas de ferro, e prata
Dignas de qualquer thesouro,
Hoje quanto faço he ouro
Que em vós, Senhor, se remata

IV Naõ conto çapatarias
Que n'outros tempos sonhei,
O que agora contarei
Saõ mais altas Profecias.

V A giesta naõ se trosse,
Muito amarga o sargaço:
Tudo quanto agora faço
São bocados de herva doce.

VI Faço Trovas muito inteiras
Versos mui bem medidos,
Que hão de vir a ser cumpridos
Lá nas eras derradeiras.

VII Eu componho, mas naõ ponho
As letrinhas no papel,
Que o devoto Gabriel
Vai riscando, quanto eu sonho.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRO CORPO: SONHO PRIMEIRO

✦

VIII Vejo, mas naõ sei se vejo;
O certo he, que me cheira,
Que me vem honrar á Beira
Um Grande do pe do Tejo.

IX Formas, cabos, e sovelas
Lavradinhas com primor
Mandareis abrir, Senhor,
Muitos folgarão de vê las.

X Mas ai! que ja vejo vir
O Presbytero maior
Arriscar todo o primor
Que outra vez hade surgir.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRO CORPO: SONHO SEGUNDO

✦

XI Augurai, gentes vindouras
Que o Rei que daqui ha de ir,
Vos ha de tornar a vir
Passadas trinta tizouras.

XII O Pastorzinho na serra
Grita que tenhão cuidado,
Que se vai perdendo o gado
Por mais que gritando berra.

XIII Desamparar o cortiço
Uma abelha mestra vejo;
As outras com muito pejo
Não tem azas pera isso.

XIV Irão tempos de lazeiras
Virão tempos de farturas
Os frades haverão tristuras
Por acudirem as freiras.

XV Este sonho que sonhei
He verdade muito certa,
Que la da Ilha encuberta
Vos hade chegar este Rei.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRO CORPO: SONHO TERCEIRO

✦

XVI Sonhei, que estava sonhando,
Que passados cem Janeiros
Os Portuguezes primeiros
Se levantarão em bando.

XVII Ergue se a aguia Imperial
Com os seus filhos ao rabo,
E com as unhas no cabo
Faz o ninho em Portugal.

XVIII Põe um A pernas acima,
Tira lhe a risca do meio,
E por detraz lha arrima,
Saberás quem te nomeio.

XIX Tudo tenho na moleira
O passado, e o futuro,
E quem for homem maduro
Ha de me dar fe inteira.

XX Vejo sem abrir os olhos
Tanto ao longe como ao pérto;
Virá do mundo encuberto
Quem mate da aguia os polhos.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRO CORPO: SONHO
QUARTO

✦

XXI Lá pera as partes do Norte
Vejo como por peneira
Levantar uma poeira
Que nos ameaça a morte.

XXII Vosso grande Capitão,
Ó povo errado, e perverso,
Já caminha com o terço,
E vós dormindo no chão?

XXIII Na era que eu nomear
Terá fim a heregia;
Verás certa a Profecia,
Se bem souberes contar.

XXIV Poe[m] tres tizouras abertas,
Diante um linhol direito,
Contaras seis vezes cinco,
E mais um, vai satisfeito.

XXV Muito rijo bate o vento
Na parede da Igreja;
Alguem cahida a deseja,
No levantar vai o tento.

XXVI Mas ai! do calçado a obra
Logo requer o salario;
Porem naõ ha muita sobra
Se naõ dobra o campanario.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRO CORPO: SONHO QUINTO

✦

XXVII Vejo, vejo, dizer vejo
Andar a terra ao redor;
E o borborinho com dor
Revolve um, e outro sexo.

XXVIII Rugia a porca do sino,
O sino naõ badalava,
A grimpa se revirava,
E o sino andáva a pino.

XXIX Meto a sovela nas viras,
E vejo pelo buraco
Os ossos de Pedro Jaco
No penedo das mentiras.

XXX Que bellamente que soão
As Profecias direitas!
Depois que forem perfeitas
Verão que a terra povoão.

XXXI Doutos, e sandeos conhecem
Pelo volver das estrellas
Puras verdades mui bellas,
Que inda os Judeos naõ merecem.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRO CORPO: SONHO SEXTO

✦

XXXII Quando o sonho he verdadeiro
Dá se uma lei muito clara:
Sonho agora, que uma vara
Vai dando luz a um outeiro.

XXXIII O outeiro he Portugal,
E a vara Castelhana;
Da minha pobre choupana.
Vejo esta vara Real.

XXXIV Dará fruto em tudo santo,
Ninguem ousará a negalo,
O choro será regalo
E será gostoso o pranto.

XXXV Bem cuido, que ja vem perto
O fim destas Profecias;
Passarão tresentos dias
Depois de eu ser descuberto.

XXXVI Em dous sitios me achareis
Por desdita, ou por ventura,
Os ossos na sepultura,
E a alma nestes papeis.

XXXVII Naõ ha pedra sobre pedra,
Quando eu aqui for achado,
E as letrinhas do Letrado
Ha tresentos annos queda.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0